

# Jardim das Pedras: o projecto de intervenção artística a céu aberto da Luzlinar

João Castro Silva

FBAUL-CIEBA / Luzlinar

O Jardim das Pedras é um local de experimentação plástica que se define como tema, matéria e espaço de exposição e onde se permite a reflexão e o pensamento através da observação e da especulação prática teórica das relações formais de um objecto, de objectos entre si e destes com o espaço onde se integram e interagem. Onde o grupo artista / público se situa na mesma realidade, experimentando e vivendo através da Arte novas formas de relação entre eles e com o contexto que os rodeia.

A Luzlinar é uma associação cultural, sediada na aldeia do Feital, Trancoso, que desenvolve projectos no campo da Arte e Natureza, fora dos espaços artísticos tradicionais afastados da vida quotidiana, e surge no sentido de dar continuidade ao trabalho que a escultora Maria Lino desenvolveu ininterruptamente desde 1995 com a criação do Simpósio Internacional de Artes do Feital.

*Palavras-chave*

Espaço, Intervenção, Laboratório, Natureza, Relação

1 Maria Lino é uma escultora portuguesa que nasceu na aldeia do Feital<sup>1</sup>, concelho de Trancoso, em 1944. Entre 1962 e 1977 frequentou as Escolas Superiores de Belas-Artes do Porto, Lisboa e Hamburgo. Desde 1968 realiza exposições individuais e participa em exposições colectivas em diversas cidades da Europa<sup>2</sup>.

1.1 O local de trabalho da Maria é o atelier *Temos Tempo* e o nome que tem diz bastante daquilo que ela entende acerca da necessidade reflexiva, do carácter conceptual e da dimensão especulativa do trabalho artístico. Fala-nos do entendimento da dimensão temporal como cíclica, clássica, camponesa<sup>3</sup> em contraposição à perspectiva linear de tempo da tradição judaico-cristã que propõe uma sucessão contínua de eventos em movimento rectilíneo. Um tempo linear e finito, com começo e fim<sup>4</sup>.

Diz-nos a Maria: “Temos Tempo” / Vergleichbar / Agora penso em alemão! / Não quero fazer comparações. / “Atelier Temos Tempo” / No meu atelier na Ifflandstrasse em Hamburgo encontrei este nome para o novo atelier no Feital./ Agrada-me // A minha intenção é tornar visível o problema do tempo no “dia de hoje”, 1997. Ter tempo para ver, para o nosso processo de trabalho. Falo por mim, escrevo “nós” porque já encontrei e encontro quem dá valor ao tempo. / Os artistas participantes nestes simpósios sentem sob a sua pele a voracidade e a ferocidade do tempo, o preço da sua existência como artistas. / Trabalham por uma necessidade vital.” (Lino, 1998), s/ pp).

1 - “Feital: pequeníssima aldeia no concelho de Trancoso, distrito da Guarda, com cerca de 48 habitantes espalhados por um conjunto de casas em pedra de granito, muitas vazias ou desabitadas a maior parte do ano. Actividades económicas centradas na pecuária e na produção de castanha. Espaço de convivialidade: a Casa do Povo, defronte do fontanário e da Igreja Matriz, que ocupam o centro da aldeia. Em redor, a paisagem: serras a perder de vista; em dias de céu limpo, as arribas norte da Serra da Estrela, o Douro Internacional e Trás-os-Montes lá ao fundo. Pinheiros, castanheiros, giestas orlando caminhos e rochas expostas ao vento, escorpiões, perdizes, coelhos e javalis. O marco geodésico mais próximo assinala os 800 metros de altitude. Visto daqui, o entorno montanhoso parece feito de suaves declives onde se aninham pequenos aglomerados urbanos. O horizonte é largo. Por esta região passaram romanos, visigodos e cristãos cujas marcas permaneceram em lagares, aras, sepulturas antropomórficas escavadas no granito, capelas e castelos construídos em cima de maciços de rocha.” (Rosendo, 2011, p. 12)

2 - “Em 1997 volta para o Feital e aí se mantém trabalhando em Escultura, num espaço em que a vida se funde com a Arte. Uma existência dedicada à poética. Onde as tarefas diárias ganham o mesmo sentido das obras que vai fazendo e o tempo tem outro significado já que a cadência é a mesma que se imprime sobre um tronco de castanho, de ferramentas nas mãos.” (Silva, 2018, p. 122)

3 - “o camponês possui basicamente uma visão cíclica do tempo. (...) Aqueles que possuem uma visão cíclica do tempo conseguem aceitar com facilidade a convenção do tempo histórico, que são simplesmente os vestígios da roda a girar.” (Berger, 2001, p. 15)

4 - Uma série evolutiva de factos históricos, o curso progressivo de acontecimentos em direcção ao futuro. Os gregos primitivos propunham uma ideia cíclica de tempo, um tempo sem começo nem fim, o tempo como um eterno retorno. Este tempo cíclico que repousa na permanente sequência de ciclos repetitivos e num movimento circular contínuo onde a história é marcada pela repetição de acontecimentos passados. Para os gregos antigos o tempo é um círculo inexorável a girar eternamente na roda da história.





5 - A Associação Luzlinar, constituída em 2004, é uma instituição cultural sem fins lucrativos que nasce com o propósito de promover e divulgar as Artes Plásticas e Performativas. A acção da associação desenvolve-se ao longo do eixo Vila Nova de Foz Côa / Fundão, uma vasta região raiana do interior profundo, predominantemente rural e em processo de desertificação. O projecto da Luzlinar contribui para a inversão desta situação, através da oferta cultural e da promoção da actividade artística e cultural como meio de desenvolvimento económico e social.

6 - Ensino Básico (5 aos 14 anos), Ensino Secundário (15 aos 18 anos) e Ensino Superior (18 anos em diante).

7 - "O projecto do simpósio de arte do Feital é território das liberdades todas. Simples: chegar ali, sorver o ar, olhar observando, andando, andando, criando, criando. (...) É simples: o simpósio é um espaço de descoberta de imaginação. É simples: chega-se ali, existindo livre, criando, inovando, imaginando. Pintar, esculpir, desenhar, falar. Ou nada. Nada fazer, nada completar, o que dá um grande trabalho. Ir contra a expectativa, a previsibilidade. Desafiar. Provocar. (...) Maria luzlina este simpósio há uma década. Inquieta, surpreende, desorganiza a quietude do sítio, reinventa a aparente tranquilidade do lugar. (...) Deixemo-nos de conversas: o simpósio é, sobretudo, a Maria e o seu mundo." (Rodrigues, 2011, p. 9).

**2** A Associação Luzlinar<sup>5</sup> é um espaço de discussão sobre Arte, nas suas mais variadas vertentes: especulativo-conceitual e prático-conceitual. Realizam-se e organizam-se conferências e seminários, encontros e oficinas, ateliers e simpósios, workshops e residências artísticas. Todas estas actividades são abertas, permite-se ao público o entendimento das relações do pensar/fazer, promove-se a experiencição estética no âmbito da génese do objecto artístico e desenvolve-se o sentido crítico dos intervenientes. Os autores são convidados a conversar sobre a natureza das suas obras e a mostrar os seus trabalhos. Propõe-se a exteriorização / interiorização dos conceitos que deram lugar às realizações práticas envolvendo a comunidade nas questões do pensar / fazer artístico, Arte que se caracteriza pela intenção de reflectir as necessidades e particularidades dos diferentes grupos sociais em que se desenvolve.

**2.1** A Associação desenvolve um trabalho de base junto das populações e dos vários graus de ensino<sup>6</sup> no sentido de promover uma maior consciencialização daquilo que é a especificidade das práticas artísticas e a especulação teórica que se desenvolve em torno destas práticas. Um projecto artístico que quer conhecer o território, não só como espaço físico mas como espaço relacional - a história, as problemáticas e as relações humanas e sociais que nele se estabelecem. Que reflecte sobre os conceitos - de lugar, pertença, identidade e relação - específicos do contexto social do grupo a que se dirigem, fa-

vorecendo valores como a inclusão, o intercâmbio, a comunicação, a apreciação da diversidade e a aprendizagem multidireccional, entre outros. “uma arte que tomaria como horizonte teórico a esfera das interacções humanas e o seu contexto social” (BOURRIAUD, 2006, p. 13). O propósito, deste tipo de práticas, é gerar situações onde haja lugar a dinâmicas do ponto de vista criativo a partir das interacções entre o artista, o público participante e o espaço de contexto onde se realizam.

**3** O Simpósio Internacional de Arte do Feital (SIAF) é um modelo de Residência Artística bienal<sup>7</sup>, criado pela escultora Maria Lino<sup>8</sup>.

Os SIAF são lugares de especulação plástica, laboratórios de pesquisa e experimentação artística. Os seus formatos singulares<sup>9</sup> e a participação de artistas emergentes e confirmados de diferentes nacionalidades promovem o desenvolvimento de poéticas que vinculam o universo artístico ao estético e à comunidade de acolhimento. A integração de jovens artistas emergentes com artistas já confirmados, permite uma comunhão de saberes teórico-práticos e integram mais-valias de enriquecimento mútuo: novos media / velhos media, vanguarda / tradição, saber empírico / saber académico, prática / teoria<sup>10</sup>.

**3.1** Os SIAF são um espaço de livre criação onde artistas plásticos portugueses e estrangeiros, a convite da Maria Lino, trabalham em torno de um tema numa relação estreita com a Aldeia e a Serra, numa comunhão entre Homem e Natureza, em que as linguagens individuais e as poéticas idiossincráticas se desenvolvem em conjunto com dinâmicas de grupo. Dimensão de partilha de conhecimentos e experiências, no âmbito de questões relacionadas com a obra *in situ*, espacialidade, percepção e forma, perenidade e efemeridade, composição e espaço natural, estética e ética, lugar e memória. É a possibilidade de uma prática reflexiva através dos meios de criação artística e da indagação permanente sobre o momento vivido, o espaço e a comunidade habitados, no contexto do Jardim das Pedras da Associação Luzlinar, no Feital, local que acolhe inteiramente os trabalhos.<sup>11</sup>

8 – “Em 1994 participei num simpósio na República Checa. Aqui nasceu a ideia de organizar simpósios em Portugal. Para os colegas checos, uma possibilidade de virem conhecer outro país e de trabalharem com outros artistas plásticos. / A tarefa não foi fácil. // Em Setembro de 1995 veio o primeiro grupo - checos, alemães e portugueses. (...) // O grupo de colegas participantes no segundo simpósio volta em 1998. Nada de passagem rápida.” (Lino, 1998).

9 – Um dos elementos identitários destes simpósios é a sua dimensão temporal, o facto de se realizarem ao longo de dois anos seguidos com os mesmos participantes. São três semanas de recolhimento e concentração em cada ano que permitem a execução de trabalho dentro dos limites que o tema - 1997/98 – Desenho; 2000/2001 – Desenho e Som Musical; 2003/2004 – Desenhar com a Natureza - desenho o que como; 2006/2007 – Desenho e escrita; 2010/2011 – Olha para a forma; 2015/2016 – Fogo Vento - de cada simpósio estabelece. Os participantes definem os ritmos de trabalho e as abordagens ao tema, cada qual trabalha em função das suas próprias idiossincrasias, tudo fica em aberto. De um trabalho mais introspectivo e individualizado ao longo do dia, à noite o colectivo reúne-se e dá-se um momento de partilha em que cada um expõe o seu trabalho, fala daquilo que o motiva, dá conta daquilo que está a desenvolver. Este espaço de síntese daquilo que se realizou é um espaço de afastamento e medida, é o olhar para o que se fez como se não tivesse sido feito pelo próprio, é pensar sobre aquilo que se realizou. Através destes momentos de colectivo cada um dos participantes vai-se inteirando dos trabalhos de todos os outros, o Simpósio ganha a densidade de um todo.

A residência do primeiro ano é o espaço da integração e da investigação, inicia-se o entendimento do lugar e as possibilidades de relações que se criam com o tema. Especula-se e pesquisa-se conceptual e formalmente. É um tempo de reflexão, entendimento e percepção dos valores, dos espaços, da temática de abordagem e do grupo. De início são apenas pequenos apontamentos, coisas (porque ainda não nomináveis) vagas e aparentemente incipientes, momentos de integração, apropriações de parte a parte. Este é o primeiro ano do simpósio.

O segundo ano de participação é o espaço para a formalização das propostas consolidadas por um ano de maturação, dá-se lugar à experimentação prática e materializam-se pensamentos. Estas três semanas são o momento de elaboração, composição formal e especulação prática, objectivação material, apresentação e mostra. É o tempo das decisões, o que fazer com todo o

levantamento teórico-prático que se fez no local - que entretanto teve um ano de afastamento para se precipitar, como se de uma depuração se tratasse - e o trabalho que entretanto se foi realizando fora daquele espaço. O que fazer com mais um ano de experiências de vida depois do primeiro momento de três semanas no local. As pessoas já são outras e quando voltam percebem que o espaço (falamos de espaço como lugar mental e/ou geográfico) se mantém disponível e vago, continuamente aberto a todas as possibilidades. No fim, o SIAF termina com uma exposição pública dos trabalhos realizados, no espaço do atelier *Temos Tempo*, e promove-se ainda a realização de exposições em espaços públicos de âmbito regional, nacional e internacional.

10 – “Os Simpósios são, na verdade, uma residência artística de seis semanas divididas por dois anos. O projecto desenvolvido ao longo de três semanas dispõem de um ano inteiro para serem maturados, alterados ou aprofundados, e finalizam-se quando o mesmo grupo de artistas regressa ao Feital exactamente um ano depois para realizar as últimas três semanas do Simpósio. Maria Lino considera esta calendarização a única viável para que os projectos em desenvolvimento beneficiem daquilo que quase sempre lhes falta: tempo.” (Rosendo, 2011, p. 14).

11 – “(...) os Simpósios, para todos os efeitos instalados no Ateliê Temos Tempo, acontecem sobretudo na serra. (...). É na serra, com efeito, que os artistas passam grande parte do dia, deambulando pelos caminhos comunais ladeados de muros de pedra que delimitam propriedades, prospectando os abrigos de pastores alinhados no horizonte, subindo às rochas, medindo distâncias, estudando relações e colhendo todos os tipos de materiais e informações para a prossecução das suas investigações. A serra substitui-se, na realidade, ao próprio ateliê enquanto lugar de produção artística, e conduz a uma prática de desenho em constante reflexão a partir das condições físicas e concretas daquela.” (Rosendo 2011, p. 14)





12 – “A paisagem determinada e limitada pelo artista enquanto local de trabalho torna-se, fora do ambiente usual, no seu próprio espaço de existência e identificação.” (Idem, p. 31)

13 – “O processo de trabalho, a conquista tanto do espaço real como da superfície, a estruturação do tempo e do espaço, a justificação da obra de arte na sua concepção, a pesquisa do processo de observação e a distribuição das obras entre desenho, instalação, performance e acção, entre objecto e pintura aboliram também aqui as fronteiras entre os vários meios ou completaram-nas aprofundaram-nas. // Percepções diferentes e aproximações diversas à paisagem do Feital e às suas características formas aparentes, - quer sejam procedentes de pensamentos filosófico-teóricos, inspiradas por acontecimentos visuais ou sejam relacionadas com o tacto, condicionadas pela imagem do corpo -, conduzem por um lado para acrescentar, para integrar ou para contrastar os trabalhos artísticos e por outro lado para acolhimento e aceitação da realidade ou para transmutação no processo artístico de transformação e criação.” (Badstubner-Groger, 1998, pp. 12-13)

4 Formações rochosas, caminhos e muros de pedra entre terrenos e lameiros. Encostas pedregosas e matagais entre colinas. Serras próximas, colinas distantes, longínquas paisagens. O Jardim das Pedras é uma área de terreno de 34 mil metros quadrados - situado na serra do Feital - que se constitui como tema e espaço de trabalho, experimentação e reflexão contínuas. Sítio macro com envoltórias e especificidades, de terra escura e pedras, local de contexto<sup>12</sup>.

Jardim das Pedras é o nome dado a um espaço que privilegia, acima de tudo, a possibilidade de ver a forma, no seu sentido próprio, como princípio e natureza. Lugar de experimentação plástica que se define como tema, matéria, laboratório e espaço de exposição e onde se permite a reflexão e o pensamento através da observação e da especulação prática das relações formais de um objecto, de objectos entre si e destes com o espaço onde interagem. Matéria moldável, princípio e tema, um estádio de desenvolvimento teórico-prático em Arte, a possibilidade de as formas como essência, coisa, natureza, princípio. Onde as formas têm em si mesmas o seu próprio sentido. Forma e conteúdo, pensamento e acção como uma e a mesma coisa<sup>13</sup>.

4.1 No Jardim das Pedras promovem-se actividades direccionadas para públicos diversos, dentro da temática - Arte e Natureza - em contextos de experimentação / especulação / aprendizagem que valorizam a experiência para produção de conhecimento e estimulação da criatividade. Em todas as acções promove-se a integração do objecto no espaço físico e no espaço sensível, não é a habitual implantação de formas que se impõem num lugar mas um trabalho que, sendo reflexo íntimo de um autor, é um misto de partilha e comunhão com o espaço e a população que o acolhe. Para a Luzlinar é importante limitar o desfazamento que existe entre as artes e o cidadão comum, por isso as actividades desenvolvidas reflectem vivências e relações afectivas que se criam entre os participantes, o espaço e a população. Obras que activam “a relação directa, o intercâmbio físico, a reciprocidade imediata, o todo vivido sob os auspícios do contacto” (Ardenne, 2006, p. 121) o qual facilita a criação de uma Arte que se insere na realidade, próxima a todas as pessoas com interesses na cultura contemporânea e não apenas aos pequenos círculos habituais do sistema da arte contemporânea. Uma Arte que, ao não estar circunscrita ao espaço do *white cube*, permite a possibilidade do desenvolvimento de uma criatividade afastada dos interesses económicos do mundo da arte e por isso, mais próxima e compreensível para o espectador.

O Jardim das Pedras é a justificação e a premissa de um laboratório a Céu Aberto para a prática artística: acção / pensamento em observação / experimentação contínuas das relações formais entre objectos e a especificidade do ambiente em que se integram.

O Jardim das Pedras é o espaço físico que abriga as actividades que a Associação Luzlinar desenvolve no concelho de Trancoso mas acima de tudo um conceito que define parâmetros de conduta, ética e uma determinada presença perante a Arte.





## Referências bibliográficas

- ARDENNE, Paul, *Uns arte contextual. Creación artística en medio urbano, en situacionón, de intervención, de participación*, Cendeac, Murcia, 2006, p. 121.
- BADSTUBNER-GROGER, Sibylle (1998): “Desenho e desenhar”, ed. Luzlinar: catálogo do Simpósio internacional de arte no Feital- Trancoso - Portugal, , 8-13.
- BADSTUBNER-GROGER, Sibylle (2011): “Procurar a Forma –Distinguir a Forma Assimilar a Forma”, ed. Luzlinar: catálogo do XII Simpósio internacional de arte no Feital / Portugal, 28-38.
- BOURRIAUD, Nicolas, *Estética Relacional*, ed. Adriana Hidalgo, Buenos Aires, 2006, p. 13.- Lino, Maria (1998): “Prólogo”, ed. Luzlinar: catálogo do Simpósio internacional de arte no Feital- Trancoso - Portugal, s/ pp.
- RODRIGUES, Américo (2011): ed. Luzlinar: catálogo do XII Simpósio internacional de arte do Feital / Portugal, 9.
- ROSENDO, Catarina (2011): “O Feital, a Associação Luzlinar, a cultura campesina e o sistema artístico. Algumas notas para reflexão”, ed. Luzlinar: catálogo do XII Simpósio internacional de arte do Feital / Portugal, 12-15.
- SERRES, Michel (2008): *Terra Nua*, ed. Rocco, Londrina.
- SILVA, João Castro (2018). “Maria Lino. A Escultura como modo de Vida”, in *Revista Estúdio*, vol. N° 23, CIEBA/FBAUL, Lisboa, [http://estudio.fba.ul.pt/E\\_v9\\_iss23.pdf](http://estudio.fba.ul.pt/E_v9_iss23.pdf), pp. 121 a 132.